

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

A GREVE NACIONAL PACÍFICA EM ESPANHIA

FOI UMA GRANDE JORNADA
QUE ABALOU O REGIME FRANQUISTA

A greve nacional pacífica de 24 horas em Espanha foi marcada para o dia 18 de Junho. Esta greve que foi o reflexo do espírito de revolta da maioria esmagadora do povo espanhol contra a brutal ditadura de Franco, foi decidida pelas mais largas e representativas forças da oposição anti-franquista: Partido Comunista de Espanha, Acção Democrática, Partido Democrata Cristão, Frente de Libertação Nacional, Organizações do Partido Socialista no interior do país, Comités de coordenação universitários, agrupamentos socialistas universitários, estudantes comunistas, Partido Socialista Unificado da Catalunha, Democratas Cristãos da Catalunha, organizações vascas, etc., etc., etc.

Os inúmeros presos políticos de todas as tendências e credos políticos que fazem nas masmorras franquistas deram também o seu apoio público à greve nacional pacífica. Milhares de cidadãos espanhóis trabalharam na preparação e organização desta greve que foi antecedida por uma série de acções reivindicativas dos trabalhadores da cidade, do campo, dos estudantes etc.

Mas apesar da feroz repressão franquista, a greve teve grande intensidade em Madrid, Asturias, no Norte do País onde tomou carácter massivo, assim como na região mineira de Catalunha e em Alci.

Em Madrid calcula-se que 30% dos transportes estiveram paralisados e foram numerosas as paralizações na construção civil e fábricas.

Foi também muito grande a participação dos trabalhadores do campo na greve, particularmente nas regiões de Sevilha, Granada, Córdoba, Málaga e Murcia.

O carácter pacífico da greve como protesto contra a ditadura foi um referendado em que participaram, com a valente classe operária na vanguarda, centenas de milhares de trabalhadores de toda a Espanha e de outros sectores da população.

O carácter pacífico da greve como era o firme propósito dos seus organizadores, não deu motivo a incidentes ou que está a ser utilizado grosseiramente (continua na 5.ª pág.)

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GES
PCPAO FIM DE 70 DIAS DE GREVE
GRANDE VITÓRIA DOS PESCADORES DE MATOSINHOS

Terminou victoriosamente a 20 de Junho a greve de mais de 6.000 pescadores. O facto provocou grandes manifestações de alegria em Matosinhos, não só entre os pescadores, mas também entre todos os trabalhadores, no comércio e na indústria, e reforçou a confiança dos pescadores na sua própria força.

A grande vitória dos pescadores enche de satisfação todos os trabalhadores portugueses e isso compreende-se porque a luta grevista dos pescadores se encontra na luta geral de todos por aumento de salários e contra a vida cara. Foi mais uma demonstração de que é possível vencer-se mesmo contra a oposição declarada do governo e a repressão que sempre faz cair sobre os trabalhadores que reclamam melhores condições de vida.

A simpatia que os pescadores atraíram sobre si por parte da população, os actos de solidariedade para com eles por parte de muitas pessoas das mais variadas condições sociais, o desejo de todos (trabalhadores, estudantes, intelectuais, de comerciantes e industriais) em que os valentes e heróicos pescadores vencessem, por um lado, e a posição de Salazar e a sua camarilha contra os pescadores, por outro lado, tudo isto transformou a greve em mais uma manifestação do nosso povo por uma modificação da política nacional e pela demissão de Salazar.

« Já sabemos quanto ganhamos »

Antes, os pescadores nunca sabiam ao certo quanto ganhavam. Se pescavam pouco, os armadores podiam dizer que o pescador não tinha chegado para as despesas do barco, e desta maneira, os pescadores não recebiam. Se a pesca era boa nunca recebiam o que de justiça lhes pertencia, porque os armadores e os funcionários marítimos comprados por eles sempre arranjavam uma infinidade de desculpas inexistentes para descontar sobre o pescador.

Agora os pescadores sabem que têm sobre o pescador livre de despesas,

32% de 10 contos	30.000\$50	a 50
35% de 10 contos	50.000\$50	a 70
37% de 10 contos	70.000\$50	a 90
38% de 10 contos	90.000\$50	a 120
39% de 10 contos	120.000\$50	a 200
40% de 200 contos	para cima	

Por outro lado houve também alterações na esquadra favorável aos pescadores.

Por isso eles exclamam alto e bom som: « Hoje já ganhei tanto ». Sem saber ler o escrever já sei quanto ganho ». Já podiam perguntar a qualquer camarada quanto ganham por dia ». « Acabaram-se os roubos e embólios », etc.

A luta não foi fácil
A unidade, a combatividade e a firmeza dos pescadores foram as armas da vitória

O último mês de greve foi um mês de luta duríssima.

A 24 de Maio, ante a ameaça do Capitão do Porto de que os pescadores que não assinassem os matriculos nas antigas condições não iriam mais sair, mais de 1.000 pescadores e suas mulheres concentraram-se na praia a fim de apressar a situação. Tendo aparecido um cabo de marinha a ler as velhas condições, os pescadores não o deixaram acabar. Logo a seguir concentraram-se cerca de 500 no

Capitania mas o Capitão não apareceu. As mulheres apareceram munidas de pous para o que desse a viésse.

Nas Póvoas de Varzim, ao terem conhecimento que um mestre tinha conseguido recrutar alguns homens, correram à estação do caminho de ferro não deixando embarcar nenhum pescador, tendo sido sozinhos os que apressaram a restituição.

Em Matosinhos, no dia 25, centenas de mulheres concentraram-se na Capitania e reclamaram em altos gritos os 40%, para os maridos e filhos. Nos armadores os pescadores em grande número impedem que cerca de 10 furem a greve. Noutro armazém cerca de 100 mulheres e muitos pescadores correram com um mestre paulada. Face a isto os armadores recuam. Entretanto, cerca de mil pescadores, acompanhados de operários conservadores invadem os cascos « Pátria » e « Porto de Mar » à procura dos mestres que leinavam em querer levar alguns pescadores mais oitoados pela fome a furem a greve, pondo-os em fuga depois de prenderem alguns.

No dia 25, cerca de 400 mulheres e 200 pescadores concentraram-se na Capitania e reclamaram os 40%. Num armazém concentraram-se 200 para impedir que os marcos fossem apanhados. A vigilância dos pescadores torna-se cada vez mais corajosa. Eles e suas valentes mulheres (jornaleiras verdadeiras) piquetes de greve massivos.

A 26, a colocação na praia um grande cartaz com os seguintes dizeres: « Unidos até à vitória! », « Queremos os 40% », « Viva os pescadores da Costa! ». A 29, novas concentrações em luz lugar.

Os manifestos do Partido, tanto do Secretariado e da Comissão Política, como da Direcção do Norte, foram recebidos com satisfação e as suas palavras foram seguidas com entusiasmo. A greve torna-se cada vez mais activa. Os pescadores verificam que apenas um partido, o Partido Comunista Português está com eles, que só ele os aconselha e minna na luta. A luta pela solidariedade de todos os trabalhadores. Os militantes e todos os do Partido, do seu próprio bolso ou reunindo sob a sua iniciativa entre os trabalhadores e pessoas de todas as condições sociais recolheram cerca 30.000\$00 em

dinheiro que fizeram chegar aos pescadores em greve.

Estes podiam verificar com os seus próprios olhos que os comunistas não regalavam estorços e sacrificios de toda a espécie para os ajudar a vencer!

No dia 3 de Junho concentraram-se nas Cascais pescadores cerca de 1.000. Centenas de mulheres vigiam a Capitania indo avisar os pescadores que o Capitão se encontrava lá com 20 mestres, imediatamente se juntaram cerca de 1.200 pescadores e 300 mulheres e exigem satisfação às suas reivindicações. Em resposta o Capitão lê-lhes as velhas condições. Todos à uma respondem que não, não, a 40% ou a 50%.

No dia 4 os pescadores tomam conhecimento que o Capitão do Porto e os armadores tinham convocado três campanhas diferentes para a Costa dos Pescadores.

Imediatamente se junta em volta dessas 150 pescadores uma enorme multidão formada por mais de 2.000 pescadores, operários conservadores, marcos e vários comerciantes. Todos pela sua unidade e pelo apoio de outros trabalhadores os pescadores recusam de novo as velhas condições não obstante a grande fome que lavava nos seus lares.

No dia 5 novamente centenas de pescadores se concentram para impedir que algum se matricule. A luta pela defesa da unidade torna-se cada vez mais activa. A vigilância de classe aumenta. As valentes mulheres dos pescadores montam a vigilância e avisam os pescadores sempre que surge uma tentativa dos armadores e da polícia para recrutarem gente.

O Capitão do Porto e a PIDE intimidam, ameaçam, provocam, procuram sob a espécie de intimidades levar alguns pescadores a irem para o mar, mas não conseguem. Os pescadores dão provas admiráveis de coragem, combatividade, calma e perseverança na luta.

A medida que a luta se prolonga e se torna mais activa, o bando da PIDE e o P.S.P., idas para ali em camélinhas e o Capitão do Porto e a PIDE vão a descoberto onde se realizam as reuniões e quando se realizam e os distribuidores de solidariedade enviados pelos trabalhadores, (continua na 6.ª pág.)

SALAZAR NÃO LARGARÁ O PODER DE SUA PRÓPRIA VONTADE
É PRETOSO ESPURRÁ-LO!

A nação deseja vivamente que se operem no país as mudanças essenciais de política e de governo que a aguda situação nacional exige. E deseja que se realizem, pela via e menos dolorosa possível, por métodos pacíficos, sem recurso a uma guerra civil que provocaria sofrimentos inúteis e inúteis destruições.

Portugal não vive em paz. O seu corpo está sangrando por 33 anos de violências e arbitrariedades de toda a ordem que emanam de Salazar e dos seus governos. Ainda agora quando ao cabo destes dolorosos 33 anos de todos os rincões do país se levanta um clamor de pacificação nacional, as palavras e os actos de Salazar e dos seus comparsas são ainda de guerra civil, de violência, de intimidações.

Um regime sem
perspectivas

Cego e surdo ao pacífico apelo do país o salazarismo entrenchear-se no poder contra a deliberada vontade do povo português.

Numa vã tentativa para se recompor das grandes derrotas políticas sofridas no decurso dos últimos 15 meses, Salazar loka a reunir as suas abaladas forças, procura ineffectivamente o espírito de cruzada de 1936 e prepara-se moralmente para uma solução de força da crise política do regime.

Salazar não vê outra saída. Mais uma vez o seu decantado « génio político » não lhe dá outra inspiração que o recurso à repressão mais feroz, à mordacá à censura e à calúnia mais sórdida.

Ma o salazarismo de 1959 não é mais salazarismo de 1936. O próprio Salazar ainda há pouco vociferava contra aqueles que há 30 anos juraram acompanhá-lo e depois o abandonaram sem remissão. Entretanto, ele não se arrisca a tirar deste fenómeno as necessárias conclusões políticas.

De facto não é mais possível regressar a 1936.

Então o fascismo mundial estava em plena euforia.

Hoje as coisas mudaram radicalmente.

Não há mais Hitler e Mussolini. Nem Perón, nem Rojas Pinilla, nem Castillo Armas, nem Perez Jimenez, nem Batista, nem Faical, nem Chamoun, e Franco, ele próprio, está também à beira da derrota. O mundo socialista passou de 1 para 12 países e é hoje o mais forte. Vastas posições colonialistas foram desfeitas pelo fogo libertador da luta dos povos coloniais e estes deixaram de ser reservas do imperialismo para se tornarem poderosas reservas revolucionárias. Internamente a obra monopolista de Salazar operou destruições insanáveis na base social do seu regime.

Témbem no terreno económico a estrutura monopolista do Estado Corporativo compromete toda a possibilidade de refacção da economia nacional. Salazar fugiu a abordar este problema no seu discurso de 23 de Maio porque a situação económica do País é catastrófica. E as perspectivas que ele mostra neste terreno são bem sombrias para o nosso povo.

(continua na 5.ª pág.)

GRANDES MANIFESTAÇÕES POPULARES EM CASTELO BRANCO

Foi julgada no tribunal local a esposa do democrata D. Alexandre Babo, Dr. Júlia Babo, por ter esbofetado uma professora que injustamente a reprovou no exame do 7.º ano liceal por evidentes razões políticas.

Como a professora é da família de fascistas notórios, pela reprovção injusta e ainda porque em Janeiro um professor da escola Industrial, Dr. Vasco Silva, foi exonerado por motivos políticos, o julgamento da aluna era aguardado com grande interesse por todos os alunos e por toda a cidade.

Logo no primeiro dia do julgamento, muitos estudantes e outras pessoas compareceram à porta do Tribunal mas a polícia não se deixava entrar, tentando dispersá-los sem o conseguir.

Estas manifestações duraram todo o tempo em que decorreu o julgamento e ouvia-se já por toda a parte conversas criticando o ensino, as arbitrariedades da polícia, a repressão e sobre as inscrições que tinham aparecido na cidade, na manhã de 27 de Abril: «Salazar vai de embora... Abaixo o fascismo». Quando no dia 7 terminou o julgamento por volta das 18 horas, encontravam-se algumas centenas de pessoas em frente da porta do Tribunal e os estudantes entendiam as capas para a colega passar.

A polícia, enfurecida por este nobre acto de camaradagem carregou sobre os estudantes e agrediu-os selvaticamente, com grande indignação dos presentes, que logo alastrou a toda a cidade. Os jovens não se intimidaram. Correram para o centro da cidade e em número cada vez maior e com a assistência de muitas pessoas e duas centenas de soldados, começaram a sofrer vivas académicos à colega. A polícia apareceu e agrediu-os com mais violência e a alguns populares. A agitação atingiu o rubro. Toda a cidade se movimentava e a PSP metia-se com toda a gente.

Os jovens dispersaram e juntaram-se novamente à saída da cidade onde sabiam passar o automóvel com a colega com destino ao Porto. Fizeram-lhe uma grande manifestação mas a polícia não apareceu. Os estudantes dirigiram-se então em massa para o centro da cidade e ao passarem em frente da esquadra da PSP, a polícia agrediu-os novamente, prendendo o estudante de Licien, Lima, que sangrava da cabeça. Os verdugos usaram da parte metálica do cacetete. A seguir prenderam mais um estudante. Dois empregados que se tinham ido queixar à esquadra por terem sido agredidos ficaram presos por ordem do comandante.

O borbório na cidade era cada vez maior e os estudantes reuniram para tomar deliberações sobre os acontecimentos, numa praça à saída da cidade. Quando aí se encontravam já cerca de 200 estudantes e alguns soldados, apareceu a polícia que prendeu dois estudantes, iniciando a caça pelas ruas da cidade, prendendo mais dois e terminando a rusga cerca das 23 e 30 horas.

No dia seguinte, 8 de Maio, os 8 jovens presos (6 estudantes e 2 empregados) são julgados sumariamente e absolvidos.

A afluência de pessoas era enorme logo de manhã. Muitos estu-

dantes dos diversos estabelecimentos de ensino faltaram às aulas e concentraram-se em frente do Tribunal. A polícia não conseguiu dispersar. Quando o Tribunal suspendeu os trabalhos perto das 14 horas, muitas centenas de estudantes e populares se encontrava no largo e cerca de 200 operários que trabalhavam perto. Estes, ao apito da fábrica dirigiram-se para o trabalho dando vivas aos estudantes e soltando gritos académicos (F-R-AS).

Recomeçada a audiência, embora a polícia continuasse a tentar dispersar a multidão ameaçando, cerca das 16 horas era já de muitas centenas a aglomeração nas imediações do Tribunal. As 16 horas saíram os operários das fábricas e off-icias e a coisa começou a tomar maior vulto. Compareceram todos os soldados num grande gesto de solidariedade e alfiaram pessoas de todas as classes. E assim, perto das 20 horas, estavam junto do Tribunal e nas ruas que ali desembocavam, formando um único corpo, para cima de 8.000 pessoas, numa manifestação de solidariedade e de ódio contra a repressão. A polícia recebeu reforço da Covilhã e do Fundão mas já nada conseguiu fazer.

Os estudantes davam exclamações acérmicas e todos numa só voz gritavam: Queremos os nos-

sos colegas! Queremos os nossos colegas!

Terminado o julgamento com a absolvição dos presos, foi o delírio. Os estudantes manifestavam o seu regozijo pelas mais diversas formas e a população acenava com lenços. A grande massa começou então a movimentar-se, e em cortejo, a passo lento, dirigiu-se para o centro da cidade, com o rosto brilhando de alegria pela sua vitória, fazendo os mais diversos comentários à situação política, indiferente às constantes ameaças da polícia.

A pouco e pouco a multidão dispersou, mas cerca de um milhar de estudantes continuou sempre em grupo e foi à praça onde se tinham reunido na véspera e dali partiram novamente percorrendo todas as ruas da cidade sem que a polícia os conseguisse dispersar muito embora usassem carros para a perseguição. Aos estudantes se juntaram ainda muitos populares com bicicletas e motorizadas acabando por acalmar já perto da meia noite.

Depois das manifestações populares contra a repressão em Benavila, Aviz, Conco, Seixal, Sousel e outras localidades, esta luta do povo de Castelo Branco é mais uma importante acção de protesto contra as arbitrariedades do salazarismo e a brutalidade das forças repressivas.

QUE CESSEM AS EXPERIÊNCIAS NUCLEARES!

Para fazer sair do impasse a Conferência que já alguns meses se encontra reunida em Genebra para o estudo dos problemas das armas nucleares e dos armamentos, o chefe do governo soviético Nikita Krutchev dirigiu recentemente duas mensagens a Mac Millan e Eisenhower. O jornal inglês «News Chronicle» reconhecia que assim a U.R.S.S. tinha ido ao encontro das potências ocidentais para que se chegasse a um acordo sobre a redução das experiências nucleares. E outros jornais ingleses como o «Daily Mail» e o «Daily Telegraph» classificaram de alentadoras aquelas mensagens.

Entretanto, os círculos dirigentes dos Estados Unidos continuam a levantar obstáculos à conclusão de tal acordo.

No nosso País não existe sequer, nem Salazar nisso está interessado qualquer determinação sobre a radioactividade actual e sua aplicação com a anterior às experiências, mas é fora de dúvida que deve ter aumentada como aliás sucede em todo o mundo e tem sido reconhecido por sábios que não estão comprados pelos monopólios do armamento atómico. Além disto a transformação do nosso País numa base militar para uma guerra atómica, colocando-nos na posição de sofrer as represálias por esse motivo, exige de todos nós uma acção decidida.

Os inquéritos realizados nas empresas, nos bairros, nos mercados, etc.; a comunicação do seu resultado para o governo, para Genebra ou para o Conselho Mundial da Paz, através dos membros do nosso País nesse Conselho — Maria Lamas; e Dr. Manuel Valadares — o apoio por parte das associações de várias índoles (culturais, profissionais, de recreio e outras) a

Declaração da Academia das Ciências de Lisboa feita em apoio da proibição das experiências nucleares, o envio de cartas individuais e colectivas aos jornais, à rádio, à televisão, às organizações católicas, às autoridades eclesásticas, às personalidades mais destacadas do nosso País, das Ciências, das Letras, das Artes, pedindo-lhes que tomem uma posição pública a favor de tal proibição, são algumas formas que aquela acção pode tomar.

LIBERDADE PARA MANOLIS GLEZOS!

Já mais de 3 meses que este grande patriota grego aguarda no cárcere que os protestos do seu povo e da opinião pública mundial o arranquem de uma injusta condenação à morte pronunciada pelo governo reaccionário de Karamanlis.

Manolis Glezos é um herói da resistência grega à ocupação nazi. Em 1941 ainda estudante, esfaqueou, com outro companheiro a bandeira hitleriana arvorada na Acrópole. Preso em 1942 pelos alemães conseguiu evadir-se da prisão «Averof» e, novamente preso, mais uma vez se evadiu do cárcere «Syngrou», em 1944, continuando

TRES INIMIGOS DO POVO

O «Avante!» denuncia hoje três inimigos da liberdade, bendito seja com o inimigo fascista, prestam hoje serviço activo aos opressores do nosso povo. São eles, José ou Manuel Marinho, ex-empragado da CUF de Barreiro, Manuel de Deus Amorim, ex-empragado da Hauer & Fernandes, do Povo do Bispo, e Joaquim Maltaquias, ex-operário cartográfico, de Santiago do Cacém.

Estes três miseráveis devem ser expulso do convívio de toda a gente honesta e votados ao desprezo e ao isolamento. Entre eles e o nosso povo não pode haver o comum.

NO BRASIL MILHARES DE PORTUGUESES PROTESTARAM CONTRA O

REGIME FASCISTA DE SALAZAR

Depois da última campanha eleitoral e das breves políticas de protesto que se lhe seguiram, contra a falsificação das eleições, o regime fascista de Salazar, ficou ainda mais desacreditado tanto em Portugal como no estrangeiro. Com o objectivo de atenuar este descrédito, o amigo ministro das colónias, Sarmiento Rodrigues, foi enviado ao Brasil, o que provocou indignação em muitos portugueses ali residentes.

Milhares de compatriotas nossos desfilaram nas ruas do Rio de Janeiro, em manifestação de protesto contra as manobras deste caixeiro viajante do regime fascista de Salazar e exibiu cartazes onde se exigia a demissão de Salazar e as liberdades democráticas para o povo português.

A censura salazarista proibiu qualquer notícia a este respeito nos nossos jornais, e a imprensa do Brasil que relatava esta manifestação foi apreendida e proibida de entrar no país.

Em 17 de Junho Sarmiento Rodrigues, que escamoteou dos seus discursos estes acontecimentos, quando no dia 17 de Junho falou na sociedade de Geografia, teve a audácia de se referir ao irresistível convite que lhe foi feito pela colónia portuguesa do Brasil, procurando assim dar a ideia que os portugueses residentes no estrangeiro, apoiam o regime!

É, pois, usando a arma da censura para impedir que o povo esteja ao corrente dos acontecimentos, é escamoteando a verdade que se procura iludir-nos a nós portugueses que vivemos em Portugal. E é organizando farsas políticas como a do usurpador Américo Tomás ao Sul e ao Norte do país que se procura enganar os portugueses residentes no estrangeiro e a opinião pública de outros países, sobre um regime exercido pela maioria esmagadora dos portugueses.

LIBERDADE PARA MANOLIS GLEZOS!

a luta contra o invasor.

Em 1948 a reacção grega não lhe perdoou a sua intemerata acção jornalística em defesa das liberdades do povo grego no jornal «Risospastis», prendendo-o e condenando-o à morte. Suspensa a pena devido aos protestos do povo grego e da opinião pública internacional foi de novo condenado à morte em 1949 e de novo suspensa a execução graças à onda de protestos na Grécia e no estrangeiro.

Saíu da prisão, eleito deputado em 1954, defendido pelas imundações parlamentares. A raivosa reacção grega desejosa de calar para sempre esta grande voz de patriota condenou-o mais uma vez à morte acusando-o de traição.

O herói que tantas vezes arriscou a vida pela liberdade do seu povo não pode sucumbir assim.

Que o nosso povo junte a sua voz às de todos aqueles que neste momento reclamam a libertação de Manolis Glezos!

Escrevamos à embaixada da Grécia em Lisboa, Rua Filipe Folque, 7, protestando contra a sua injusta condenação à morte.

Liberdade para Glezos!

O NOSSO POVO EM LUTA

A política de fome e terror de Salazar agrava cada dia a vida dos portugueses em primeiro lugar das classes trabalhadoras. É a repressão desenfreada, a subida dos preços e determinação governamental de impedir o aumento dos salários, formas e ordenões. Principalmente este último aspecto da política salazarista está pesando duramente na vida das famílias operárias, dos trabalhadores rurais, dos empregados. Quando decretou o aumento, com fins de propaganda política, dos vencimentos do funcionalismo, Salazar mentiosamente afirmou que o nível dos preços seria mantido. Então o Partido Comunista denunciou esta vergonhosa mentira. Salazar já então sabia bem que os preços subiriam, que os trabalhadores seriam ainda mais agravados. A realidade confirmou plenamente as denúncias do Partido Comunista. Desde então a carestia da vida tornou-se insustentável para os que vivem dos seus magros ganhos. Cada dia o cabaz de compras das donas de casa vêm mais vazios com o mesmo dinheiro auferido pela família. Contra esta política a luta e só a luta pode obrigar o governo a rever a sua criminosa atitude e possibilitar obter-se um aumento imediato e geral dos salários dos trabalhadores: São algumas dessas lutas que passamos a relatar e das quais uma útil experiência resulta para todos os trabalhadores.

Os trabalhadores portugueses comemoraram o 1.º de Maio

Por todo o país, apesar das ameaças e intimidação da PIDE e da proibição do governo de se comemorar o dia internacional dos trabalhadores, o 1.º de Maio foi festejado pela classe operária portuguesa. Em Lisboa os tipógrafos e litógrafos e muitos operários metalúrgicos, da construção civil, da têxtil e outros não trabalharam neste dia e realizaram confraternizações durante os quais foi exaltado o significado do 1.º de Maio.

Em todo o Algarve esta data foi igualmente comemorada. Em Lagos a banda da filarmónica 1.º de Maio deu a alvorada e desfilou pelas ruas da cidade acompanhada de muito povo e saudada das janelas por muitas pessoas. Em Loulé, houve alvorada de morteiros e foguetes, quase todo o comércio encerrou as portas e grupos de jovens rapazes e raparigas juntaram-se nos campos com os seus familiares onde confraternizaram. Em Silves quase todos os operários não trabalharam e muitas famílias confraternizaram nos campos. Em alguns pontos foi exaltado o significado 1.º de Maio na conquista das 8 horas. Muitos estabelecimentos fecharam as suas portas.

Em Faro operários corticeiros de todas as empresas não trabalharam e houve várias confraternizações nos arredores. Quase todo o comércio encerrou de tarde. Em Olhão algumas fábricas de conservas e muito comércio encerrou as portas e os trabalhadores confraternizaram.

Na região do Sado os operários industriais e agrícolas, empregados comerciais e outros trabalhadores comemoraram igualmente o 1.º de Maio. Em Grândola a banda saiu pelas ruas da vila tocando a alvorada acompanhada de muito povo. Em Santiago do Cacém, S. Domingos, S. Teotónio houve festejos populares e várias fábricas e estabelecimentos encerraram. Da mesma forma nas minas do Lousal, em Ermidas gare caldeira, em Alcácer do Sal e Sines as oficinas e muito comércio encerraram e houve confraternizações entre os trabalhadores.

No Baixo Ribatejo muitos trabalhadores confraternizaram. Em Vila Franca a banda local percorreu as ruas tocando o himno do 1.º de Maio acompanhado por muitos trabalhadores. Em Alhauria, Alverca, Póvoa e Sacavém houve várias confraternizações operárias onde foi exaltado o significado do 1.º de Maio.

O fascismo salazarista não conseguiu matar no coração dos trabalhadores portugueses o espírito internacionalista do 1.º de Maio. As comemorações deste ano estiveram estreitamente associadas à luta reivindicativa da classe operária portuguesa.

Os mineiros de Aljustrel e S. Domingos lutam pelo aumento dos seus salários

Os mineiros de Aljustrel e S. Domingos continuam a sua luta pela melhoria dos seus salários desta vez enfrentando, os primeiros a ofensiva combinada das forças repressivas e da gerência belga da mina. No dia 29 de Abril, perante uma concentração de 700 mineiros na sede do sindicato de Aljustrel, o presidente da Comissão Administrativa, o informador da PIDE, Amador, intimou os mineiros a levantarem-se para ir a acataram o regime de contratos senão a empresa fechava e o Ministro das Corporações não assinava o Contrato Colectivo. Todos os operários replicaram ameaça do presid. da C. Adm., acusando o ministro de impedir aumento e reclamando de novo os 15000.

No dia 8 de Maio Aljustrel foi ocupada por uma força de 40 guardas da GNR e no dia 9 a gerência despediu 26 mineiros do pouco dos Algarves que à medida que recebiam ordem de despedimento eram imediatamente agarrados pela PSP e encerrados num quarto da administração.

Quando os restantes mineiros foram por falta dos seus companheiros decidiram imediatamente não baixar à mina e encaminharam-se para a boca do poço afim de avisarem os que lá se encontravam e traze-los consigo para a greve. Então surgindo-lhes no caminho uma força da PSP comandada pelo chefe Pinheiro o qual de metralhadora apontada intimidou para que, no prazo de 7 minutos, os mineiros descessem à mina senão dispararia. «*Senão vai haver aqui mortes*! dizia o verdugo. Um mineiro ainda protestou mas foi imediatamente preso. Então todos os outros, aterrorizados baixaram à mina. No domingo 10 e no dia seguinte a PIDE instalou-se na mina e chamou inúmeros mineiros insultando-os e intimidando-os a elevarem a produção. O próprio Bento Caldas, delegado do INT em Beja se deslocou a Aljustrel para intimidar os

encarregados no mesmo sentido. Como consequência desta acção terrorista os mineiros voltaram à produção quase normal continuando a agir junto do Sindicato.

Os mineiros de Aljustrel que durante tanto tempo se mantiveram corajosamente numa forma superior de luta em regime de produção lenta, foram agora obrigados a recuar pela ofensiva das forças repressivas e da gerência. Mas a experiência acumulada destes longos meses de luta levá-los-á certamente a encontrarem novas formas de continuarem a pressionar o Sindicato, a gerência, as autoridades para que lhes seja concedido o justo aumento dos seus miseráveis salários.

Para enfrentar a acção terrorista da PIDE, da GNR e da PSP, ordenada pelo governo, que assim não hesitou em pôr as suas baionetas ao serviço dum empresa estrangeira contra os operários portugueses, torna-se necessária a maior unidade não só de todos os mineiros de Aljustrel, S. Domingos e do Lousal como destes com as populações das suas terras que, como é o caso de Aljustrel tanto os apoiaram na sua luta.

Cobrando novos acentos e encontrando formas novas de acção os mineiros alentejanos acabaram por obterem a desejada melhoria da sua difícil situação.

Acções sindicais na região de Lisboa

No prosseguimento dum a largo acção junto dos seus sindicatos os operários metalúrgicos, ferroviários, canteiros, têxteis, padeiros e da indústria química, da região de Lisboa têm insistido para que lhe seja concedido um aumento nos seus salários e feita a revisão dos respectivos contratos colectivos.

Numerosas comissões destes classes foram constituídas e estão actuando junto dos respectivos sindicatos muitas vezes acompanhadas por dezenas de companheiros de trabalho.

Algumas empresas, como a Florescente e a Bis concederam já aumentos aos seus operários, embora

insuficientíssimos.

Se a esta luta de características sindicais uma acção nas próprias empresas, junto do patronato seguramente os operários da região de Lisboa obterão a desejada e necessária melhoria dos seus salários.

Lutas dos assalariados agrícolas contra o desemprego e por melhores jornas

Os trabalhadores de Sousel travaram uma enérgica luta contra o desemprego. Depois de cerca de 80 desempregados se concentrarem sem resultado na Casa do Povo local estes resolveram insistir directamente junto do administrador local e este deu-lhes trabalho mas despediu-os de novo ao fim de 3 dias. Um grande número de trabalhadores voltou a concentrar-se na Casa do Povo onde o empregado que empurrou violentamente um trabalhador foi soado valentemente. Vieram 3 soldados da GNR que ameaçaram os trabalhadores e tentaram espantar alguns. Nesta altura cerca de 400 habitantes da localidade avançaram para a GNR e sovaram fortemente um deles enquanto os outros 2 fugiram. Depois desta reacção popular chegou uma patrulha de 6 guardas e um cabo armado de pistolas-metralhadoras que desataram a atirar para a ar respondendo os trabalhadores à pedrada. Um destes foi barbaramente espancado pela GNR que durante 15 dias estabeleceu estado-de-sítio na localidade com recolher obrigatório às 20 horas. Entretanto, como resultado da sua luta todos os desempregados obtiveram trabalho o que representa uma boa vitória.

Em várias localidades do Alentejo, outras lutas contra o desemprego e por melhores jornas trouxeram resultados apreciáveis. Em Tróia os trabalhadores do Cacém, um rancho de trabalhadores das estufas conseguiram as 8 horas de trabalho e 1500 de aumento da jorna. Em S. André os mulhères, recusando a assinatura dos atrozos abandonou o trabalho do agrário. Meses por este se ter recusado a dar a jorna que pediam. Também em S. André os mulhères recusando a assinatura do trabalho pelas mesmas razões. No entanto, as mulhères que ganhavam 14500 conseguiram pela luta os 20500. Em Sines, um André os mulhères recusando a assinatura o aumento de 2500 nas jornas. Em S. Cristóvão depois de 150 trabalhadores terem sido despedidos ao concentrarem-se na Casa do Povo a que iam com que todos fossem de novo contratados.

No Corgo um rancho de 120 mulhères conseguiram um aumento de 1500 passando de 24500 no plantio do arroz e em Santa Justa do Corgo 70 mulhères conseguiram o horário de 8 horas e a jorna de 30500.

No Corgo 200 trabalhadores conseguiram as 8 horas e uma jorna de 40500 na sua praca de jorna.

Em Alcôego, Benavilla, Montemor-o-Novo, Escoural, S. Romão, Évora, e outras localidades os trabalhadores têm lutado e conseguido jornas de 40500 e 50500.

Estas lutas dos operários agrícolas do Alentejo têm muita importância para conseguirem jornas mais altas nas ceifas. Recorrendo à Casa do Povo, fazendo amplas concentrações nas praças de jorna, lutando por contratos para toda a ceifa será preciso arrancarem trabalho garantido e uma jorna compatível com as exigências de manutenção das suas famílias.

GRANDE VITÓRIA DOS PESCADORES DA COSTA ALGARVIA

No dia 9 de Maio concentraram-se no cais de Vila Real de St.º António mais de 300 pescadores que se recusaram a ir para o mar e exigiram que fosse proclamada pesca semanal: que da tarde de sábado até domingo às 18 horas passasse a ser dia de descanso. Para chamar todos os pescadores à concentração alguns mais desenvoltos conseguiram fazer o apelo pela rádio dos próprios barcos.

A PIDE e PSP de metralhadoras e pistolas-metralhadoras, de capacetes e cacetetes entraram à pancada com os 300 pescadores para os dispersar e quebrar a sua unidade obrigando-os a sair para o mar. Mas em vão foram os estorços da famigerada PIDE que mais uma vez se destacou na sua acção criminos

nosa contra o povo. Os pescadores não foram e continuam a não ir para o mar senão nas condições de pesca semanal.

A acção destes 300 pescadores desencadeou enorme entusiasmo em toda a Costa que se lançou na luta por esta mesma reivindicação. Em Olhão no dia 9 e 16 e em Portimão no dia 16 nenhum pescador se fez ao mar e exigiram o dia de descanso.

De tal forma a luta é justa e os pescadores se portaram valentemente que a pesca semanal e um dia de descanso vão já ser oficializados em toda a Costa Algarvia. Viva a luta firme de todos os pescadores!

Abaixo Salazar, patrão da PIDE, inimigo dos trabalhadores!

(continuação da 1.ª pág.)

Salazar diz-nos, por exemplo, que as dezenas de milhões de contos em que se traduz o celebrado II Plano de Fomento «*não beneficiarão em boa parte os portugueses, mas indústrias estrangeiras*». *Não assegurará aqui trabalho, não devem provocar alta sensível dos salários, nem darão possibilidades de distribuição de terras irrigadas*.

Será preciso dizer que tais afirmações não aproximam do regime, antes afastam dele, novos contingentes de indústrias, agricultores e comerciantes? Para não falar na grande massa dos operários industriais e agrícolas e dos empregados que há muito sabem que não podem esperar qualquer melhoria das condições de vida sob o salazarismo a não ser arrancadas pela dura luta.

Um regime sem perspectivas — golpeado por uma profunda crise — eis o que Salazar oferece aos seus adeptos.

O grito dum regime decadente

Não é difícil compreender por isso que o salazarismo atravessa uma crise mortal.

Sob o fogo das lutas populares a situação decalpe-se rapidamente. Cada vez mais a linha divisória entre o regime e as forças que se lhe opõem se precisa para além das divisões sociais e das concepções políticas e religiosas dos portugueses. Com Salazar está hoje um reduzido punhado de monopolistas sem pátria, cujos interesses ele defende ferocemente. Do outro lado está a nação.

Bem pode Teotónio Pereira berçar rufoamente que «*somos mais e somos os melhores*» e André Navarro ladrar que são «*os sovietes*...» (!!) quem fomentam «*a campanha anti-salazarista da epítope portuguesa*». Isso não altera uma crua realidade dos nossos dias — a de que a correlação de forças é esmagadoramente favorável às forças oposicionistas.

O salazarismo assemelha-se a um dente aguçado, com a aparência feroz dum presa de lobo, mas roído internamente pela cãrie.

Quando se ouve Salazar gritar histéricamente «*Aguentar! Aguentar!*» é bem o grito de um regime moribundo que ressoa aos ouvidos dos portugueses.

Está nas mãos do nosso povo arrancar esse dente corado pela raiz. Se possível sem dor. Mas arrancá-lo!

Unamo-nos para vencer

M por várias vezes o regime esteve à beira da queda. Como é então possível que ele ainda respire e viva?

Salazar tem podido manter-se no poder porque não tem havido a suficiente unidade das forças oposicionistas, porque não se tem mobilizado tudo o que podia, e pode, ser lançado contra o regime. Há ainda forças hesitantes cuja indecisão paralisa o movimento anti-salazarista e lhe faz perder oportunidades soberanas de modificar pacificamente a situação do país.

Aqueles círculos da burguesia nacional que, por inércia política ou preconceitos de classe, estão hesitando em aliar-se à classe operária na luta contra Salazar devem

SALAZAR NÃO SAIRÁ DE VONTADE...

fazê-lo sem recio. Há muitos interesses fundamentais comuns a defender que reclamam imperiosamente essa aliança.

Salazar quebrou todos os vínculos que o ligavam à burguesia nacional. Ele é o homem dos monopólios, inimigo da Pátria. Por isso a renúncia desses círculos em aliar-se à classe operária, somente prejudica os interesses vitais de todo o povo na medida em que dificultam ou comprometem a solução pacífica do problema político nacional.

Sim, o nosso povo quer resolver pacificamente a situação política nacional e pode fazê-lo se todas as forças da oposição a Salazar fortalecerem os seus vínculos. Mas essa vontade popular que se afirma, todavia, pacífica, é também capaz de remover montanhas.

O problema poderá consistir dentro dum breve prazo em saber-se se os fascistas e o seu chefe Salazar preferirão sair pela porta mais ou menos inteiros ou se sairão pela janela com as aduelas partidas.

Há hoje numerosas forças que se mostram dispostas a lutar contra Salazar e lutam efectivamente. A própria Igreja Católica está profundamente dividida nas suas inclinações políticas. Enquanto muitos católicos vêm à luta tem sido até torturados pela PIDE, outros como o Cardeal Patriarca querem subornarem totalmente a Igreja a Salazar e perpetuar o seu regime.

O governo procura abafar estas divergências e está mesmo a manobrar, de colaboração com o patriarcado para que elas não apareçam no próximo julgamento dos

oficiais, do padre Perestrelo e de outras individualidades acusados de conspiração contra o regime.

É evidente que estas e outras correntes anti-salazaristas são sensíveis à luta e ao descontentamento populares. Mas a aproximação com o povo deve, cada vez mais, significar unidade, acção concreta, espírito resolutivo.

É por isso difícil compreender-se porque alguns democratas que têm mais de uma vez tomado nítida posição anti-salazarista se têm mostrado relutantes em dar a sua colaboração activa à campanha pela demissão de Salazar e não assinaram ainda as petições nesse sentido.

Sem dúvida que o regime agoniza. Mas a sua liquidação não é uma tarefa fácil. Que todos os portugueses amigos da sua Pátria se deem, porém, solidamente as mãos e então o caminho estará aberto para afastar pacificamente Salazar do poder, e para dar ao país o regime que ele deseja viver.

Por uma grande jornada nacional de carácter pacífico

A campanha nacional para a demissão de Salazar é presentemente o esteio da unidade e da acção das mais variadas forças anti-salazaristas.

Novos milhares de portugueses de todas as condições sociais e credos políticos e religiosos tiveram a grande coragem cívica de se dividir directamente a Salazar perdendo-lhe que se vá embora.

Dezenas e dezenas de lutas das classes trabalhadoras têm lugar à

escala do país desde a greve de dois meses dos heróis 6.000 pescadores da Costa Norte, até às manifestações populares de Castelo Branco, em que participaram 3.000 pessoas, e à energia luta pelo pão dos assalariados agrícolas de Sousel. Acções como a importante luta dos estudantes do Porto, Coimbra e Lisboa contra a repressão e o protesto dos intelectuais portugueses contra o processo a Aquilino Ribeiro, e como a desassomburada posição de numerosas individualidades católicas contra os crimes e violências da PIDE e mesmo como as vaías e apupos dos monárquicos liberais aos monárquicos fascistas no jantar do restaurante Castanheira de Moura, são duma grande importância política. Se a elas juntarmos a intensa agitação moral e através de panfletos, targetas e cartazes reclamando a saída de Salazar; as «manifestações» de ausência e de silêncio ao usurpador Américo Tomás durante as suas deambulações pelo país; os protestos dos portugueses da Venezuela e do Brasil contra os caixeiros-viajantes de Salazar — Paulo Cunha e Sarmiento Rodrigues; a calorosa manifestação de acolhimento dos portugueses do Brasil ao General Humberto Delgado; a corajosa recusa de centenas de funcionários públicos em subscrever as «petições»... da União Nacional para que Salazar fique no poder, e outras acções, ficaremos com uma ideia da vastidão dos terrenos em que se desenvolve a campanha para a demissão de Salazar e em que ela poderá ainda desenvolver-se largamente.

Estas grandiosas lutas operárias, estudantis e outras põem na ordem do dia a organização e preparação imediatas duma grande jornada nacional de carácter pacífico para a saída de Salazar do poder. Esta jornada para a qual as forças anti-salazaristas deverão pôr-se previamente de acordo quanto à data e às formas da sua realização, deverá ser o coroamento de toda a campanha actual para a demissão de Salazar.

No decurso dum tal jornada pacífica a nação originará a saída de Salazar do poder português, e cada classe, cada grupo, cada sector virará no seu terreno e as formas mais variadas dentro do objectivo comum.

Salazar não cairá por si, é preciso empurrá-lo.

A jornada nacional de carácter pacífico poderá ser um grande passo para o seu afastamento do poder.

SAUDAÇÃO AO POVO BRASILEIRO

Durante o internamento do Sr. General Humberto Delgado na embaixada do Brasil em Lisboa, onde pediu asilo político para escapar à ordem de prisão emanada de Salazar, o povo brasileiro manifestou pelas mais diversas formas a sua quente simpatia pela causa do nosso povo e o seu apoio à luta nacional contra Salazar.

Mais de 100.000 pessoas aguardaram e vitoriam no Rio de Janeiro o candidato da Oposição e muitos jornalistas, escritores, deputados, senadores e outros homens públicos se pronunciaram contra os crimes e perseguições do salazarismo.

O «Avante!», órgão livre dos trabalhadores portugueses, saudou calorosamente o povo do Brasil irmão pela sua valiosa solidariedade à luta pelas liberdades democráticas do povo de Portugal. Com tais amigos será mais fácil a nossa luta e mais certa a vitória.

A GREVE NACIONAL PACÍFICA DE ESPANHA

(continuação da 1.ª pág.)

mente pelos fascistas de Espanha e do nosso país para afirmarem que as greves em Espanha fracassaram!

O carácter pacífico da greve deu-lhe um aspecto menos espectacular, mas o regime ficou profundamente abalado.

Na realidade ao contrário do que os fascistas pretendem fazer acreditar, a greve nacional pacífica do dia 18 de Junho foi uma acção de grande envergadura política, tanto pela unidade e coesão das organizações que a apoiaram como pelas largas massas que nela participaram e pela enorme simpatia que lhe foi dispensada por outras camadas de todas as condições sociais que estão contra a ditadura franquista em Espanha e em todo o mundo.

A greve nacional pacífica do dia 18 de Junho foi o primeiro passo da nova fase da luta revolucionária de massas contra o franquismo,

passo que acelerará a luta e consolidará a unidade dos anti-franquistas e de todo o povo da Nação irmã por uma Espanha livre, pacífica e independente. A greve nacional pacífica do dia 18 de Junho contra o regime de Franco é também uma contribuição à luta do povo português pela sua libertação do regime de Salazar. O enfraquecimento do regime de Franco, enfraquece objectivamente o regime de Salazar, fil aliado de Franco. Por outro lado é um incentivo para o alargamento das lutas do povo português e um exemplo para que todas as forças e correntes da oposição e estabeleçam uma ampla e decidida Unidade de Acção na luta pela demissão de Salazar e por uma modificação de regime e de governo.

O Partido Comunista Português, certo de representar o sentimento da classe operária, das forças da oposição e da maioria esmagadora do povo português, saída calorosa-

samente a valente classe operária e o povo espanhol, o Partido Comunista de Espanha e todas as forças anti-franquistas que valiosamente participaram nesta acção heroica contra o regime franquista.

O regime de Franco, tal como o de Salazar, são regimes condenados que nada os poderá salvar. E a roda da história não desanda nem desandarão. Em Junho de 1936, as forças da mais negra reacção espanhola, chefiadas por Franco e apoiadas por Hitler, Mussolini, Salazar e outros, sublevaram-se contra o regime republicano, causando à Nação inteira e ao heróico povo espanhol, sofrimentos sem conta. Agora, ao fim de 23 anos, a Nação está a unir-se e a lutar por formas pacíficas mas decididamente para expulsar Franco do poder. Para o povo espanhol, tal como para o povo português, começam a raiares os alyores duma mira de Paz, de Pão e de Liberdade.

KRUTCHOV FALA EM TIRANA SOBRE O PROBLEMA ALEMÃO

Não Combinado ténil da Capital albanesa, Tirana, realizou-se um comício no qual o chefe da delegação governamental e partidária da capital soviética que se encontrava de visita à Albânia, Nikita Krutchov, discursou.

No início do seu discurso, Krutchov agradeceu cordialmente aos operários e operárias do Combinado, a recepção extraordinariamente cordial e destacou os grandes êxitos obtidos pelo povo albanês na construção do socialismo.

Assinalou que a União Soviética nunca divergiu da República Popular da Albânia na apreciação dos problemas internos de cada país e dos problemas da política internacional.

A seguir Nikita Krutchov passou a referir-se a alguns problemas da actual situação internacional.

A União Soviética, disse, está plenamente consciente de que aplicando uma justa política, se podem evitar os conflitos militares. A União Soviética, todos os países do campo socialista, e muitos outros países pacíficos, e povos de países não socialistas fazem todos os esforços para garantir a paz no mundo inteiro.

Referindo-se à Conferência de Genebra dos Ministros dos Negócios Estrangeiros, N.K. destacou que as posições dos ministros ocidentais nesta conferência, não se diferenciam de facto das suas antigas propostas e não podem servir de base para entendimento.

Em palavras, as potências ocidentais estão a favor dum acordo, mas nos actos não se esforçam por conseguir-lo. As propostas das potências ocidentais, estão enredadas num emaranhado novo e nestas condições são inaceitáveis.

A União Soviética esforça-se tenazmente por conseguir que se ponha fim ao estado de guerra com a Alemanha e se assinem um Tratado de Paz. Caso não se consiga acordo para assinar o Tratado de Paz com os dois estados alemães assinaria o Tratado com a República Democrática Alemã. Dentro de algum tempo, as esferas governantes da República Federal Alemã compreenderão também a necessidade de firmar o Tratado de Paz e então o assinarão.

A União Soviética, assinalou N. K., não diminuirá os seus esforços para conseguir soluções mutuamente aceitáveis tanto no que se refere à conclusão dum tratado de paz com os dois estados alemães e à solução do problema de Berlim Ocidental, como a outras questões internacionais.

Expressa também a confiança de que na Conferência de Genebra se resolverá os problemas internacionais de modo a contribuir para a liquidação da guerra fria e o fortalecimento da paz no mundo inteiro. Mais adiante referiu-se às perspectivas de entrevista dos chefes de governo. Existem muitos problemas importantes que exigem imperiosamente que se chegue a um acordo. Disse Krutchov: «não somos a favor dum encontro de chefes de governo, e do entendimento entre eles numa base razoável. O principal para nós é o encontro sério e a vontade do povo italiano, foi estabelecido um acordo

para a instalação de bases de foguetes norte-americanos no território da Itália. Mas os Estados Unidos não mantêm conversações com o governo da Grécia para criar também bases desse tipo no seu território.

Está claro, destacou Krutchov, que essas bases estão orientadas contra a União Soviética, contra a Albânia e outros países socialistas. Essa política, conseqüentemente, ameaça a segurança dos povos. Não propomos que se transforme a Península dos Balcãs numa Península de

paz para que não haja nela nem foguetes nem armas atômicas. É necessário que todos os países fiquem livres das armas nucleares. Isso seria um imenso alívio para todas as regiões da terra. No entanto, prosseguiu N. K. se os governos da Itália e da Grécia permitirem aos norte-americanos instalar bases de foguetes no seu território, é possível que a União Soviética tenha de chegar ao acordo com o governo da República Popular da Albânia para tomar certas medidas contra essas bases. A União Sovi-

tica e todos os países socialistas, disse Krutchov, querem garantir a paz no mundo inteiro. Desejam a paz e nunca duvidam de que uma guerra, mais se imperialistas tentarem atacá-los receberão a devida resposta. Por isso o que seria razoável era não renovar bases de foguetes em torno da União Soviética e dos países socialistas mas sim liquidá-las. Isto — destaca Krutchov — contribuiria para acalmar a paz. Por último Krutchov destacou a firmeza e o poderio do campo socialista cuja força aumentam de dia para dia.

POR UMA AMPLA FRENTE NACIONAL CONTRA A BÁRBARA REPRESSÃO SALAZARISTA

Cada vez mais açoitado pelas lutas populares e disposto a agarrar-se ao poder por todos os meios contra a vontade da nação, Salazar procura criar no país uma atmosfera de terror continuando a atirar raiosvenos para cima do povo o seu criminoso aparelho repressivo.

Novas dezenas de prisões foram efectuadas em todo o país entre elas as dos destacados patriotas Sofia de Oliveira Ferreira, cuja vida arruinada por 4 anos de cárcere está num grande perigo, Carlos Aboim Inglês, agora detido pela 4.ª vez e Carlos Brito que se evadira da prisão em 1957. Foi ainda preso o dirigente sindical e procurador à Câmara Corporativa, Sr. Flávio, presidente do Sindicato dos Profissionais de Seguros de Lisboa.

O bando de assassinos da PIDE continua a aplicar aos prisioneiros torturas medievais. Como se sabe o dirigente da JOC, Manuel Serra foi muito maltratado e teve de receber tratamento num hospital.

O jovem operário agrícola Joaquim José, de Couço, foi colocado de «estufa» durante 8 dias e depois mais 6 e mais 2. Por último foi algemado e brutalmente espancado pelos falcões da PIDE que

lhe deixaram o corpo inchado e coberto de equimoses. Os prisioneiros políticos são frequentes vezes encerrados em estufas sobreaquecidas e depois submetidos a correntes de ar frio, além das torções de testículos, queimaduras nos olhos e no corpo e outros selváticas torturas.

Salazar reprime desesperadamente tudo o que possa atingir o seu regime. Toda a correspondência vinda do estrangeiro é agora abertamente violada pela PIDE. Cartas vindas do Brasil, da Argentina e outros países sul-americanos são carimbadas com o selo da censura à correspondência e entregues abertas aos seus destinatários.

Por todo o país reina um ambiente de terror. A população de Souel esteve durante 15 dias submetida a um estado de sítio, com o recolher obrigatório às 20 horas. Mesmo depois disso todos os veículos são detidos e vasculhados pela GNR. Nesta região, carros foram mesmo detidos sob as armas apontadas. As camionetas de carreira do sul do país estão a ser vistoriadas pela PIDE, assim como em várias regiões do Oeste.

Dentro dos cárceres fascistas os prisioneiros são submetidos a um

tratamento contrário a todos os princípios de humanidade. Na prisão de Peniche, onde se encontram patriotas tão destacados como Álvaro Cunhal, Manuel Rodrigues da Silva, Jaime Serra, Joaquim Gomes, Pedro Soares, Guilherme de Carvalho e Francisco Miguel, este último tem a sua saúde em grave risco por lhe ser negada a dieta conveniente pelo médico prisional Joaquim Bonifácio, que, além disso se recusa a medicamentar como é necessário os presos doentes.

Ao mesmo tempo, os tribunais plenários de Lisboa e Porto e outros continuam a funcionar quase ininterruptamente, aplicando pesadas penas aos prisioneiros. No Tribunal de Beja foi aplicada a pena de mais um ano de prisão ao democrata José Carlos. Muitos outros patriotas encontram-se detidos sem julgamento há longos meses como Rolando Verdal, Ivone Dias Lourenço que há cerca de dois anos aguardam julgamento.

As desumanas barbaridades estão enchendo de indignação portugueses de todas as condições sociais e credos políticos e religiosos. Importantes acções foram já levadas a cabo.

Além do documento assinado por 40 individualidades católicas que exigem um inquérito aos crimes da PIDE, os estudantes de Lisboa, Porto e Coimbra, dirigiram protestos com centenas de assinaturas contra a prisão de 5 estudantes universitários além de diversas acções de solidariedade para com os seus colegas presos.

Só na faculdade de direito de Lisboa foram recolhidas mais de 200 assinaturas de protesto contra a prisão dum estudante desta faculdade.

Mas é necessário ainda mais.

A todo este clima de terror é preciso responder com a acção imediata de todos os portugueses dotados de sentimentos humanitários, da gente boa do nosso país qualquer que seja a sua condição social, ou as suas ideias políticas e sentimentos religiosos.

A uma repressão anti-nacional deve opor-se uma frente verdadeiramente nacional de cidadãos que requeiram a intervenção da PIDE e o protesto mais energético dos portugueses.

A solidariedade internacional contra a repressão salazarista deve ser solicitada por todos os sectores políticos e religiosos do país. As vítimas das barbaridades da PIDE, os patriotas que há longos anos foram privados da liberdade e encerrados nas barbas das centenas de patriotas e defensores da liberdade, não devem esperar que os homens e mulheres progressistas de todo o mundo e as organizações internacionais de defesa dos direitos do homem, sindicatos, humanitários e outras se dirijam ao governo fascista português com os seus protestos, prestem a sua ajuda à libertação dos patriotas e a cessação das torturas e violências contra os prisioneiros políticos.

A GREVE DOS PESCADORES E MATOSINHOS

(continuação do 1.º páq.)

estudante, intelectuais, comerciantes, etc., etc., mas nada conseguiram, apesar das ameaças e dos discursos dos agentes da PIDE procurando fazerem-se passar por pescadores ou por trabalhadores de outros lados.

As concentrações massivas de homens e mulheres, ora na Capitania ora na Casa dos Pescadores continuaram quase diariamente exigindo os pescadores que fosse dada satisfação às suas justas e modestas reivindicações. Nos dias 9 e 12 milhares de pessoas dirigiram-se ao armador, industrial de conservas, Polónio, a reclamar a solução do problema conforme o desejo dos pescadores.

A 14 de novo o capitão do Porto convocou mestres e pescadores. Depois de uma arenga cheia de ameaças disse que se os pescadores fossem para o mar dentro de 15 dias tudo se resolveria. Há mais de 2 meses em greve, os pescadores não tinham feito fome, mas com uma energia e calma dignas de admiração, os pescadores responderam que esperavam pelos 15 dias se resolverem. Entretanto, as autoridades e armadores fazem uma nova tentativa para quebrar a unidade dos pescadores e assim os vencer, enviando de novo três navios para alistar os pescadores. A 18 chegaram a Matosinhos novos reforços da PIDE e P.S.F. Convocados para a Capitania, os pescadores aparecem em massa acompanhados das suas mulheres. De novo lhes querem impor as velhas condições mas não obstante o grande aparato policial terrorista, os valentes pescadores responderam que só iriam para o mar com as condições que pediam. Ante isto a polícia provocou, empurra, procura criar um

conflito, mas os pescadores não cedem. Finalmente no dia 20 de Junho ante uma grande concentração foram lidas as novas condições da greve, que correspondiam mais ou menos aos desejos dos pescadores. A vitória foi alcançada no fim do 70 dia de greve!

Pela consolidação da vitória alcançada

A greve vitoriosa dos pescadores foi a luta mais brilhante dos últimos meses por aumento de salários, contra a vida dura, contra Salazar e o seu regime fascista.

Os trabalhadores portugueses têm nesta dura e prolongada luta dos pescadores um exemplo de luta e como é possível vencer-se recorrendo à greve prolongada não obstante a sua consideração ilegal. Os valentes pescadores têm razão para se orgulharem de terem vencido os argutos. Eles abriram novos e brilhantes perspectivas à luta de todos os trabalhadores portugueses por melhores condições de vida e todo o povo por uma mudança de governo e de regime, pela demissão de Salazar.

Todavia, hoje como o foi durante a greve, a unidade e a combatividade continuam a ser o primeiro e o mais importante dos armadores estão reativos pela derrota sofrida, não desarmam. Eles ordenaram já o prisão de alguns pescadores e procuram como eles prender outros sob o pretexto de terem distribuído a solidariedade enviada por outros trabalhadores e que tanto contribuiu para ajudar os pescadores a vencer a greve.

Pescadores! Sempre alerta e à luta massiva pela libertação imediata dos vossos companheiros presos. A vossa razão acabou por triunfar, portanto, não justifica que se prendam pescadores.

Treballadores de todo o país! Todos em ajuda dos pescadores para arrancar os seus companheiros da prisão e para que o bando de assassinos da PIDE e o bando de Salazar realize novas prisões.